



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

CAROLINA E LUCINDA: A PERCEPÇÃO DO NARRADOR NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER LIVRE E ESCRAVIZADA

Andréa Marques da Silva (UEPB)

Felipe Pereira da Silva (UEPB)

O presente artigo tem como objetivo analisar comparativamente as personagens Lucinda e Carolina, das respectivas obras “Vítimas Algozes: quadros da escravidão” (1869), mais especificamente a terceira narrativa (Lucinda, a mucama) e “A Moreninha” (1844) ambas de autoria de Joaquim Manoel de Macedo. Através do conceito representacional apresentado por Roger Chartier (1991), que nos leva a entender que com o passar do tempo tomou-se por verdadeiro o que não é - pois a representação é uma construção, algo elaborado com um propósito e que muitas vezes está ligada a determinado momento histórico e parte de classes dominantes de uma época – traçaremos os caminhos pelos quais trilham nossa análise. Por meio do estudo da linguagem dos textos analisados e do contexto sociocultural em que as duas obras foram escritas, procuraremos responder as seguintes questões: de que forma a mulher branca e livre é representada? E a mulher negra e escravizada como é representada pelo narrador? Seriam verídicas as representações encontradas nas duas obras analisadas ou o narrador estaria apenas reproduzindo um discurso preconceituoso ditado pela sociedade ao qual está inserido?

Palavras-Chave: Gênero. Raça. Representação.

Inscrito no seu tempo e no seu meio social, Macedo reflete em seus romances a imagem da sociedade brasileira do segundo reinado. Essa característica, tão própria ao romancista, vai estar presente em suas obras tanto da primeira, quanto da segunda fase.

Segundo a professora Dra. Tânia Rebelo (1994), as obras de Joaquim Manoel de Macedo podem ser divididas em duas fases. A primeira fase é tida como mais romântica, direcionada às mocinhas que eram as principais leitoras de suas obras. A segunda fase é definida por Rebelo como meio realista-naturalista e é direcionada aos adultos. A partir desta divisão analisaremos comparativamente as personagens



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Carolina e Lucinda das respectivas obras *A Moreninha* (1844) que está inserido em sua primeira fase e *Vítimas Algozes: quadros da escravidão* (1869), em especial, a narrativa *Lucinda, a Mucama* que compõe este romance de sua segunda fase. Mostraremos a representação da mulher livre e da mulher escravizada dentro dessas duas obras do mencionado autor.

No romance “*A Moreninha*” a *personagem principal* é apresentada pelo narrador como uma jovem bastante jovial, travessa, inteligente, astuta e persistente; diferente das moças aristocratas de sua época que tendiam a preocupar-se com coisas supérfluas como roupas e festas. Carolina foge um pouco dos padrões vigentes da época, que ditavam as normas de conduta da sociedade em geral, assim como das mulheres solteiras e casadas.

Apesar de pertencer à alta sociedade da época (século XIX) Carolina porta-se de maneira diferenciada, de forma que passa a ser reprovada pelas jovens de sua idade, interessadas apenas em roupas, festas e em arranjar um marido. Ao contrário delas, Carolina demonstra ter um espírito livre, ávido por se aventurar e se divertir. Esses são traços marcantes na personalidade da protagonista do romance, que quebra o paradigma de que à mulher cabia o dever de se portar de maneira excessivamente reservada não tendo direito de revelar suas opiniões.

Como autêntica jovem aristocrata, Carolina tem acesso não apenas a roupas da moda e a uma série de confortos que o dinheiro de sua família pode lhe proporcionar, mas também à educação. A jovem é apresentada como uma verdadeira aristocrata que sabe ler, escrever, cantar, tocar piano e se portar decentemente em diversas ocasiões.

Em um dos diálogos do romance um dos personagens declara que a jovem moreninha conhece os direitos das mulheres e que a mesma lê livros de Mary Wollstonecraft, uma importante escritora inglesa considerada precursora do movimento feminista.

Apesar disto, não presenciemos no romance nenhuma cena de luta ou defesa dos direitos das mulheres, no entanto, a jovem moreninha possuidora de um



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

temperamento forte e decidido utiliza-se de sua inteligência para tentar chamar a atenção e conquistar o amor de Augusto de várias maneiras.

É apenas no desfecho do romance que Carolina apresenta-se como defensora dos direitos das mulheres ao declarar que

- Para satisfazer as minhas vaidades de moça, somente para isso. Eu o vi gabar-se de que nenhuma mulher seria capaz de conservá-lo em amoroso enleio por mais de três dias, e desejei vingar a injúria ao meu sexo. Trabalhei, confesso que trabalhei para prendê-lo; fiz talvez mais do que devia, só para ter a glória de perguntar-lhe uma vez, como agora o faço: "Então senhor, quem venceu: o homem ou a mulher?" (MACEDO, 2010a, p. 165).

A jovem Carolina declara ter propositalmente trabalhado para conquistar o jovem Augusto e para isto a mesma faz uso de sua inteligência e sagacidade. A prepotência do jovem ao afirmar não ser capaz de se apaixonar por uma mulher por mais de três dias faz com que Carolina planeje e crie situações que farão com que Augusto enfim se apaixone por ela. No entanto, apesar de declarar que todas as suas atitudes foram arquitetadas com o firme propósito de fazer com que o jovem se apaixonasse por ela, Carolina acaba rendendo-se ao mesmo sentimento que planejara despertar em Augusto. Com ambos apaixonados o romance então culmina no casamento.

Assim, o narrador paga seu tributo à realidade de vida de seu tempo, ao dar ao público leitor da época o que os mesmos esperavam, enfim, o casamento. Essa temática romântica onde os romances quase sempre terminavam com a oficialização do casamento encontra uma explicação no contexto social da época, visto que o casamento e, conseqüentemente, a família, pois era o alicerce que dava apoio às demais instituições da sociedade.

Carolina, apesar de se mostrar uma jovem independente em sua maneira de falar e até mesmo de agir, quebra algumas regras de conduta imposta pela sociedade da época ao dar o primeiro passo na conquista do amor de Augusto, por exemplo, (atitude esta nem sempre valorizada pela alta sociedade), é na verdade a representação de uma típica jovem aristocrata que apesar de bem educada e



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

inteligente não tem autonomia para desempenhar outra função a não ser a de esposa e mãe. Como já mencionamos antes, Fabrício um dos personagens do romance *A Moreninha* deixa clara essa ideia ao, ironicamente, dizer que Carolina é uma filósofa e que conhece os direitos das mulheres,

[...] tenho-me singularmente divertido: a bela senhora é filósofa!... faze ideia! Já leu Mary Wollstonecraft e como esta defende o direito das mulheres, agastou-se comigo, porque lhe pedi uma comenda, para quando fosse ministra de Estado, e a patente de cirurgião do exército no caso de chegar a ser general (MACEDO, 2010a, p. 86).

O personagem Fabrício representa o pensamento da época, numa sociedade patriarcal e moralista a mulher não era considerada apta a desempenhar cargos políticos ou mesmo administrativos, apesar de inteligente Carolina não é levada a sério ao tentar defender os direitos das mulheres. Esses direitos, no entanto, até então não haviam sido posto em discussão, ao abordá-los no romance, ainda que de maneira acanhada, o narrador chama a atenção para a existência desses direitos e nos certifica de que a mulher era capaz sim de atuar em diversos campos da sociedade.

É este o quadro que o romance *A Moreninha* pinta da mulher livre no século XIX, uma mulher forte, inteligente, educada, com personalidade marcante, capaz de lutar por seus interesses, mas que, entretanto, se vê castrada pela sociedade que não lhe permite alçar maiores vôos, por isso aceita sua condição de mulher, cuja realização maior se dá apenas através do casamento.

Na narrativa *Lucinda, a mucama*, vemos outro tipo de representação de mulher, neste caso trata-se da representação da mulher escrava. Esta novela escrita em 1869 quase duas décadas antes da abolição da escravatura foi, sem dúvida, um marco na literatura brasileira, ainda que não tenha alcançado grande sucesso quando foi lançada. *Lucinda, a mucama* é a terceira novela do romance *As Vítimas Algozes: quadros da escravidão*, as primeiras já mencionadas no capítulo anterior são *Simeão, o crioulo* e *Pai-Raiol, o feiticeiro*.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A personagem central dessa novela é apresentada pelo narrador como uma jovem escravizada que desde sua infância foi obrigada a saber se defender sozinha. Criada sem afeto de pai nem mãe ainda em tenra idade Lucinda é enviada a uma escola de mucamas, assim ela aprende a bordar, a cozer, a fazer penteados e tudo mais que uma mucama deveria aprender. Dessa forma, ao representá-la, o narrador limita-se a descrever suas habilidades domésticas e a caracteriza como alguém capaz de desempenhar tais serviços.

Como um sujeito que produz um determinado trabalho, Lucinda é vista de maneira positiva, diferente de Carolina, personagem do romance *A Moreninha* que não é valorizada por um serviço que produz, mas sim por ser uma jovem de boa família.

Eis aí uma característica bastante divergente entre as duas personagens: a primeira havia sido “criada” sem cuidados e zelos de pais ou parentes, exposta a todas as mazelas que a escravidão pode oferecer; a segunda, criada com todo zelo e mimo vê-se protegida das corrupções e males do mundo que a cerca.

Ainda no início da trama o narrador da novela *Lucinda, a mucama*, através de seu discurso, revela o pensamento negativo da sociedade em relação à mulher escravizada quando diz:

E em substituição da companheira livre, amiga, e devotada, recebeu alegre a crioula quase de sua idade, a mulher escrava, uma filha da mãe fera, uma vítima a opressão social, uma onda envenenada desse oceano de vícios obrigados, de perversão lógica, de imoralidade congênita, de influência corruptora e falaz, desse monstro desumanizador de criaturas humanas, que se chama escravidão (MACEDO, 2010b, p. 157).

A mulher escravizada, denominada filha de uma mãe fera, assim é representada Lucinda, de forma animalizada, pois essa personagem é denominada filha de uma mãe fera. O termo utilizado pelo narrador revela que para a sociedade da época nenhum escravo poderia estar isento da corrupção e da imoralidade presentes na escravidão. Portanto, os escravos eram considerados feras, seres irracionais, animais selvagens, os quais ninguém pode dominar ou domesticar.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Ao mencionar a primeira ama da personagem Cândida, o narrador evidencia suas qualidades morais associando-as a sua condição social. Por ser uma mulher livre, a primeira ama da jovem Cândida recebe do narrador da novela atributos morais positivos: “Cândida tinha perdido a companhia da mulher que era nobre, porque era livre...” (MACEDO, 2010b, p. 157). Lucinda, no entanto, é chamada de imoral e leviana pelo autor pelo simples fato de haver nascido no berço da escravidão.

1 - A escrava abandonada aos desprezos da escravidão, crescendo no meio da prática dos vícios mais escandalosos e repugnantes, desde a primeira infância testemunhando torpezas de luxúria, e ouvindo eloquência lodosa da palavra sem freio, fica pervertida muito antes de ter consciência de sua perversão, e não pode mais viver sem violenta imposição fora da atmosfera empestada de semelhantes costumes, e das suas idéias sensuais (MACEDO, 2010b, p.171).

2 – e Lucinda, a mulher escrava e pervertida, sem educação zeladora dos costumes, e cuja natureza, ainda mesmo que excelente pudesse ter sido, se achava desde muito depravada pela ignomínia e pelas torpezas da escravidão (op. cit., p. 233).

Ao mesmo tempo em que a descreve como imoral, o narrador atenta para o fato da jovem mucama não ter culpa de ter nascido num ambiente corrupto como o da escravidão. Exposta desde criança a todas as cenas ditadas como imorais pela sociedade da época, podemos, neste caso, considerar que Lucinda é sim uma jovem amoral e não imoral, afinal ela havia sido criada em um ambiente isento de instruções morais ditados pela sociedade da época.

A jovem escravizada é, portanto, uma pessoa que desconhece as regras da moralidade da matriz europeia, pois tudo que conheceu e aprendeu em sua infância cativa era contrário à conduta moral da sociedade livre.

Se no romance *A Moreninha* o final culmina na preparação do casamento dos protagonistas, na novela *Lucinda, a mucama* não se espera que tal acontecimento ocorra, pois já no início da estória a escravizada declara: “[...] com as escravas não precisa haver cuidados; nós não temos de casar-nos” (MACEDO, 2010b, p.167).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Essa declaração, dada pela própria personagem, revela uma situação muito comum entre os escravos. Por ser tratada como objeto, a protagonista não tinha o direito de constituir uma família, ter filhos para si, quando na verdade, elas não tinham direitos sobre elas mesmas.

No livro “Mulher e escrava uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil” (1988), de Sonia Maria Giacomini, a escritora afirma que o senhor de escravos é quem decidia se os seus escravos poderiam ter uma vida familiar ou não, era dele a decisão de que a escrava poderia ficar com seus filhos ou não, na verdade não havia interesse desses senhores em permitir que seus escravos constituíssem família, pois não era algo lucrativo.

A negação dos escravos enquanto seres humanos implicou necessariamente na negação de sua subjetividade, que foi violada, negada, ignorada, principalmente nas relações entre eles: mãe escrava-filhos, pai escravo-filhos e homem-mulher escravos (p. 35).

Lucinda representa a classe dos escravos que não tem direito a nada, que não tem domínio sobre si mesmo e que é tratada apenas como coisa. Ela é a moeda de compra e troca de seus senhores, enquanto lhe traz lucros e não lhe cria problemas maiores, a escravizada é mantida no seio da família, como peça importante para a realização das tarefas domésticas e muitas vezes para satisfazer os desejos sexuais de seus senhores.

Apesar de a escravizada ser tratada como coisa, o narrador revela que “a mucama escrava, que é sempre escolhida entre as mais inteligentes, compara-se a senhora” (MACEDO, 2010b, p. 171). Esta afirmação nos prova que Lucinda é uma mulher bastante inteligente com modos refinados de maneira que chega a comparar-se a sua senhora. Na seguinte citação, tal fato é corroborado:

um pouco magra, de estatura regular, ligeira de movimentos, afetada sem excesso condenável no andar, muito viva e alegre, gárrula, e com pretensões a bom gosto no vestir, com aparência de compostura decente nos modos, diligente e satisfeita no trabalho, perspicaz, paciente, [...] exprimindo-se com facilidade e sem notáveis erros na linguagem trivial (MACEDO, 2010b, p. 162).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Como lemos na citação acima, Lucinda é uma jovem inteligente. No entanto sua condição de escrava não permite que a mesma seja vista de maneira diferente a não ser como escrava-objeto. No romance *A Moreninha*, Carolina é descrita como inteligente e sagaz. Essas características atribuídas à jovem lhe dão uma espécie de singularidade que a tornam mais encantadora e viva. Entretanto, isto não acontece com a jovem escravizada que, apesar de ser inteligente, viva e alegre, não é enxergada por tais atributos.

Segundo o pesquisador Sharyse Amaral (2011)¹ no artigo “Emancipacionismo e as representações do escravo na obra literária de Joaquim Manoel de Macedo”, a inteligência atribuída ao escravo abriu caminhos e possibilidades para se trabalhar o medo nos senhores de escravos. O narrador é enfático em seu discurso de que o escravo era perigoso e que, como vítima, poderia tornar-se algoz de seus senhores por causa da mazela da escravidão.

Se no romance *A Moreninha* a jovem Carolina utiliza-se de sua inteligência para obter o que deseja, ou seja, conquistar o amor de Augusto. Em *Lucinda, a mucama*, a protagonista vai se utilizar de sua inteligência para alcançar seu maior desejo: sua liberdade. Para isso, Lucinda faz uso dos meios que tem para resistir à escravidão e obter sua liberdade. Em um dos diálogos entre personagens da trama, a escravizada declara que é vítima da escravidão e que merece ser liberta: “- E, portanto... eu sou vítima” (MACEDO, 2010b, p. 231).

Como forma de resistência à escravidão, Lucinda faz uso da dissimulação. Através da dissimulação a escravizada fazia-se submissa e boa aos olhos dos seus senhores e, ao mesmo tempo, cometia pequenos delitos com intuito de obter sua liberdade. E para obter a liberdade a protagonista põe sua ama em situações constrangedoras que a levariam à vergonha social e familiar. Lucinda dissimula, mente e convence sua ama a expor-se ao perigo de uma difamação para, assim, fugir com ela e ganhar a sua liberdade.

¹ Artigo disponível em: <<http://www.afroasia.ufba.br/edicao.php?codEd=88>>. Acesso em 20/out./2011.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A negra perguntou rindo-se e requebrando-se: - E se casar com minha senhora... como há de ser? – Eu te libertarei no dia do meu casamento, juro-o por todos os santos do céu, juro-o pela minha honra, que serás liberta... – E adeus amores! Disse Lucinda. – Oh não! Cândida será minha esposa; tu, porém, linda crioula, serás sempre a minha amante, e minha só (MACEDO, 2010b, p. 232).

Na citação acima, percebemos que Lucinda faz uso de seus dotes físicos e de sua sensualidade para conseguir o que quer. Ciente de sua beleza e de sua sensualidade a escravizada não recua ao ver diante de si a oportunidade de conquistar sua liberdade ainda que para isso tivesse que dissimular seus sentimentos e usar seu corpo.

Nessa passagem ainda percebemos que o narrador utiliza-se do termo “requebrando-se” de maneira pejorativa, de maneira a desqualificar e desmoralizar a escravizada perante o leitor que pode julgá-la imoral e perversa. No entanto, Lucinda faz apenas uso dos métodos que tem para conquistar sua liberdade, isso era tudo o que a sociedade, por meio da escravidão, havia-lhe ensinado.

Colocando lado a lado as duas protagonistas das obras literárias em análise, percebemos pontos em comum entre elas. Duas jovens inteligentes, decididas e que lutam para conseguir o que almejam. Carolina, a aristocrata, é uma jovem livre e bem educada; Lucinda é a escravizada que, apesar de ser inteligente e de ter estudado, é marginalizada por sua condição social. Ambas com personalidade viva e marcante, no entanto, vivem em condições sociais bastante diferentes.

Apesar da diferença social e da distinta representação Carolina e Lucinda são mulheres que almejam ocupar um lugar na sociedade, sociedade esta que oprime e castra o direito da mulher, seja ela livre, seja ela escravizada. Se por um lado Carolina é representada como uma mulher livre, essa liberdade é na verdade bastante limitada, visto que para a sociedade da época, à mulher cabia apenas o direito de ser esposa e mãe. Só a partir da união conjugal é que a mulher poderia realizar-se. Assim, Carolina rende-se ao casamento assumindo assim um papel que todas as mulheres livres deveriam desempenhar.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Lucinda, entretanto, é representada como um ser animalizado, como coisa. À margem da sociedade, a jovem escravizada não tem o direito de se casar nem constituir família. Sem ter direito a si mesma, a protagonista deseja um dia ser livre. Como mulher, Lucinda é vista apenas como objeto sexual e utiliza-se de sua inteligência e sensualidade para obter a sonhada liberdade. Lucinda luta com todas as suas forças para ser livre, não se importando de que maneira ou a que custo lhe causará a liberdade.

REFERÊNCIAS:

BROOKSHAW, David. O Escritor Branco in: Raça e cor na Literatura Brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, PP. 21 – 146.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. *Estud. av.* [online]. 1991, vol.5, n.11, pp. 173-191. ISSN 0103-4014. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acessado em 12/dez./2010.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e Escrava**: uma introdução história ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1988.

MACEDO, Joaquim Manoel de. **As Vítimas Algozes**: quadros da escravidão. Parte III: Lucinda, a mucama. São Paulo: Editora Martin Claret, 2010a.

_____. **A Moreninha**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2010b.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. **Joaquim Manoel de Macedo ou os Dois Macedos**: a luneta mágica do II Reinado. Rio Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do Livro, 1994.